

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Simpósio Paulo Freire
Vitória (ES), 04-06 de setembro de 1996

A PRÁXIS POLÍTICO-PEDAGÓGICA DE PAULO FREIRE NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO

Moacir Gadotti (*)

É uma grande alegria para mim poder participar deste simpósio sobre Paulo Freire, ao lado de tantas pessoas que, não só estudam a sua obra, mas aplicam suas teorias e avançam em suas práticas a partir do seu legado se comprometendo com os princípios de uma educação libertadora.

Estou aqui também como membro do instituto que leva o seu nome e que hoje se constitui numa rede de pessoas e instituições com núcleos em 18 países. A idéia de criar esse instituto partiu dele mesmo, no dia 12 de abril de 1991, na Universidade da Califórnia, Los Angeles, por ocasião da visita que fez àquela Universidade, à convite do professor Carlos Alberto Torres. Mas o Instituto Paulo Freire não teria se desenvolvido sem o talento e a generosidade de um bom número de educadores. Além de Carlos Torres, devo mencionar Francisco Gutiérrez, José Eustáquio Romão e Walter Garcia que se associaram mais recentemente a Ana Maria Araújo Freire, Ângela Antunes Ciseski, Paulo Roberto Padilha e Heinz-Peter Gehardt para produzir uma obra sobre o seu patrono: **Paulo Freire: uma biobibliografia**, publicada este ano pelo Instituto em co-edição com a Cortez Editora.

Foi uma maneira que encontramos não só de prestar uma homenagem ao nosso patrono, mas de sistematizar um dos mais importantes paradigmas da educação na América Latina, a **educação popular** à qual Paulo Freire deu uma constibuição inestimável. Essa biobibliografia acabou sendo uma forma de pensar a educação em geral, latino-americana e brasileira em particular e uma oportunidade de aprofundar a obra militante de um educador, compreendido no contexto de uma concepção pedagógica rica e em evolução.

Esse livro mostra a **originalidade, universalidade e complexidade** do seu pensamento. Várias gerações de educadores, antropólogos, cientistas sociais e políticos, profissionais das áreas de ciências exatas, naturais e biológicas, foram influenciados por ele e ajudaram a construir uma pedagogia fundada na liberdade. O que ele escreveu “faz parte inseparável da vida de toda uma geração que aprendeu a sonhar com um mundo de igualdade e justiça”, como diz a educadora argentina Isabel Hernández neste livro (p. 243).

O Instituto Paulo Freire está hoje interligando já um grupo de mais de 50 estudiosos do pensamento do grande educador brasileiro, no mundo inteiro, provando a dimensão internacional de sua obra, realizando estudos, pesquisas, consultorias, publicações e difundindo o seu pensamento em escolas, universidades e numerosos órgãos estaduais e municipais de educação, no Brasil e no exterior. Um dos seus projetos é o das Cátedras

(*) **Moacir Gadotti** é professor titular da Universidade de São Paulo e diretor do Instituto Paulo Freire. Escreveu, entre outras obras: *Escola cidadã* (1992), *História das idéias pedagógicas* (1993) e *Pedagogia da práxis* (1995). É o organizador do livro *Paulo Freire: uma biobibliografia* (1996).

livres. As **cátedras Paulo Freire** se constituem de redes de pesquisadores e especialistas que buscam criar as condições acadêmicas para estudos posgraduados com base na obra de Paulo Freire. Elas se constituem num **espaço de reflexão**, diálogo e intercâmbio no qual podem participar profissionais de diversas áreas buscando contribuir, de forma coletiva e sistemática, para a pesquisa, reflexão e produção de propostas alternativas que respondam aos desafios atuais no campo da educação, cultura e comunicação. Já existem Cátedras Paulo Freire nos Estados Unidos, Escócia, Itália, Costa Rica e outros países da América Latina, em colaboração com o Instituto Paulo Freire. No Brasil estamos dando os primeiros passos para isso neste ano.

O sentido da Cátedra Paulo Freire - em universidades ou instituições livres - é realizar o que é específico da universidade: ensino, pesquisa, extensão, educação e cultura, mas, sem criar novas burocracias. As Cátedras pretendem trabalhar na formação de uma **novo espírito científico**, longe dos constrangimentos burocráticos que mais impedem do que facilitam a criação e a pesquisa. Esse espírito se concretiza na construção de novas relações entre pessoas, sujeitos e entre sujeitos e o saber: buscamos pensar a realidade criando *vínculos* pelo trabalho coletivo. Investimos tanto em conteúdo a ser pesquisado quanto em *novas relações* a serem criadas. Buscamos criar *vivências*. Mais do que espaços físicos buscamos criar espaços virtuais dentro de uma visão crítica e prospectiva.

Nesse sentido, iniciamos em 1996 a publicação da *Coleção "Prospectiva"* em parceria com a Editora Cortez. Nessa série de livros buscamos aprofundar - numa perspectiva crítica, pluralista e interdisciplinar - o debate das mudanças globais que, com tanta rapidez se sucedem nesta última década do milênio. Esse novo cenário mundial coloca em cheque os paradigmas clássicos que presidiam até agora a nossa ação. Por isso mesmo, ele significa também uma oportunidade, um espaço inédito, que requer novas respostas no campo político, econômico, ecológico, cultural, educativo.

Através do estudo crítico e sistemático, da pesquisa, da documentação, da formação e informação em torno do seu pensamento e de outros, o Instituto Paulo Freire objetiva manter vivo e atuante o **legado de Paulo Freire**. Faço votos de que esse simpósio se constitua também num novo começo, dando impulso, através da reflexão sobre a obra de Paulo Freire, a uma concepção da educação que coloque a *solidariedade* - e não a *competitividade*, como no paradigma neoliberal - como fundamento da prática educativa.

Não se trata de mitificar uma pessoa ou atribuir efeitos miraculosos às suas teorias ou práticas. Trata-se de entendê-las historicamente e tirar dela lições para a nossa prática. Como escreveu Carlos Rodrigues Brandão na obra que acabo de citar (p.706): "não se trata de pensar miudamente práticas específicas de educação com base nas idéias de Paulo Freire. Isto negaria o próprio Paulo Freire pela base. Pois, nada menos freireano do que ser seguidor de idéias sem saber **ser criador de espíritos**. Trata-se de criarmos condições para estarmos pondo fraternalmente à prova a nossa própria capacidade de criar. De ousar memo. De abrir horizontes em nome da justiça e da igualdade. De estabelecermos pontos comuns através da experiência da diferença e da confrontação de opostos".

O educador e antropólogo Carlos Brandão com essas palavras parece nos indicar também o rumo e o prumo que um simpósio sobre Paulo Freire deveria ter: um encontro de pessoas, unidas em torno de um sonho e de um espírito, não para repetir idéias, mas para **inventar o futuro**. Ao contrário do que os conservadores pensam o sonho não acabou. Esse imenso auditório é uma prova contundente disto.

Didaticamente, gostaria de dividir minha exposição em quatro pontos, retomando algumas idéias escritas para o livro *Paulo Freire: uma biobibliografia*.

Inicialmente gostaria de recordar alguns **temas centrais** do legado da práxis político-pedagógica de Paulo Freire: *conteúdo, método, opção política e pedagogia*.

Em seguida gostaria de refletir sobre a práxis político-pedagógica de Paulo Freire na sua mais recente experiência, como **Secretário de educação** do Município de São Paulo.

Em terceiro lugar, gostaria de estender o olhar sobre sua produção escrita mais recente - os **últimos cinco anos** - ainda como resultado de sua práxis. Em Paulo Freire não é possível separar prática de teoria. Vou fazer desta produção uma leitura pessoal fruto do estudo, do debate e da convivência com ele.

Finalmente, vou colocar para a nossa reflexão a seguinte pergunta: que **futuro** pode ter o pensamento de Paulo Freire? Que desdobramentos podemos antever para os que caminhamos com o seu legado? Pensando em *utopias concretas*, como ele nos ensinou, já que a melhor maneira de prever com certeza o futuro é realizá-lo desde agora.

1. Temas centrais da obra de Paulo Freire

A título de introdução gostaria de recordar alguns momentos importantes da “práxis político-pedagógica de Paulo Freire”, dos quais podemos tirar alguns **temas centrais da sua obra**. Desejo fazer uma leitura que nos permita tirar *conseqüências práticas* em relação à atuação dos educadores atualmente, frente aos novos desafios educacionais desse final de século.

Com certeza, podemos dizer que o pensamento de Paulo Freire é um **produto existencial e histórico**, comprovando as teses do filósofo Álvaro Vieira Pinto em sua obra *Ciência e existência*. Ele forjou seu pensamento da luta, na práxis, entendida esta como “ação mais reflexão”, definição que ele mesmo deu. Devemos, desde já, nos defender contra qualquer conotação pragmática ou utilitária deste termo e entender a *práxis como ação transformadora*.

Eu não vou recordar aqui a sua longa trajetória de educador, bastante conhecida de todos nós. Todavia, quero enfatizar o quanto foi importante para a constituição da sua teoria do conhecimento a leitura do contexto onde nasceu e viveu - o Nordeste brasileiro - sobretudo a década de 50 e o contexto latino-americano - o exílio no Chile - da década de 60.

A sociedade brasileira e latino-americana da década de 60 pode ser considerada como o grande laboratório onde se forjou aquilo que ficou conhecido como o "**Método Paulo Freire**". A situação de intensa mobilização política desse período teve uma importância fundamental na consolidação do pensamento de Paulo Freire, cujas origens remontam à década de 50. O momento histórico que Paulo Freire viveu no Chile foi fundamental para explicar a consolidação da sua obra, iniciada no Brasil. Essa experiência foi fundamental para a formação do seu pensamento político-pedagógico. No Chile, ele encontrou um espaço político, social e educativo muito dinâmico, rico e desafiante, permitindo-lhe reestudar seu método em outro contexto, avaliá-lo na prática e sistematizá-lo teoricamente. Como diz Ana Maria Araújo Freire no texto que escreveu para o livro *Paulo freire: uma biobibliografia* (p. 36): “Os anseios da sociedade política vinham ao encontro dos de uma parte da sociedade civil dos anos 50, alimentando um clima propício para a mobilização, para as reflexões e para as pretensões de mudanças sociais e políticas. Freire, assim, traduziu as necessidades de seu tempo e nelas se engajou”.

Por outro lado, na constituição do seu método pedagógico, Paulo Freire fundamentava-se nas ciências da educação, principalmente a psicologia e a sociologia; teve importância capital a **metodologia das ciências sociais**. A sua teoria da codificação e da

de-codificação das palavras e temas geradores (interdisciplinaridade), caminhou passo a passo com o desenvolvimento da chamada **pesquisa participante**.

O que chamou a atenção dos educadores e políticos da época era o fato de que o método Paulo Freire “acelerava” o processo de alfabetização de adultos. Paulo Freire não estava aplicando ao adulto alfabetizando o mesmo método de alfabetização aplicado às crianças. É verdade, outros já estavam pensando da mesma forma. Todavia, foi ele o primeiro a sistematizar e experimentar um método inteiramente criado para a educação de adultos.

De maneira esquemática, podemos dizer que o “Método Paulo Freire” consiste de três momentos dialética e interdisciplinarmente entrelaçados:

a) a *investigação temática*, pela qual aluno e professor buscam, no universo vocabular do aluno e da sociedade onde ele vive, as palavras e temas centrais de sua biografia;

b) a *tematização*, pela qual eles codificam e decodificam esses temas; ambos buscam o seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido; e

c) a *problematização*, na qual eles buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica, partindo para a transformação do contexto vivido.

As teorias construtivistas atuais também se apoiam no significado da experiência vivida. Portanto é preciso conhecê-la e sistematizá-la. Contudo, o **construtivismo freireano** vai além da pesquisa e da tematização. O construtivismo freireano mostrou não só que todos podem aprender (Piaget), mas que todos sabem alguma coisa e que o sujeito é responsável pela construção do conhecimento e pela resignificação do que aprende. Aprender e alfabetizar-se é um ato tão natural quanto comer e andar. A criança, o jovem e o adulto, só aprende quando tem um **projeto de vida** onde o conhecimento é significativo para eles. Mas é o sujeito que aprende através de sua própria ação transformadora sobre o mundo. É ele que constroi suas próprias categorias de pensamento, organiza o seu mundo e transforma o mundo. “O professor deve ensinar. É preciso fazê-lo. Só que ensinar não é transmitir conhecimento. Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de aprender seja precedido do, ou concomitante ao, ato de apreender o conteúdo ou o objeto cognoscível, com que o educando se torna produtor também do conhecimento que lhe foi ensinado” (*Professora sim, tia não*, p. 188).

A obra de Paulo Freire é *interdisciplinar* e pode ser vista tomando-o como pesquisador e cientista, seja como educador. Contudo, essas duas dimensões implicam numa outra: Paulo Freire não as separa da política. Paulo Freire deve ser considerado também como um político. Essa é a dimensão mais importante da sua obra. Ele não pensa a realidade como um sociólogo que procura apenas entendê-la. Ele busca, nas ciências, elementos para, compreendendo mais cientificamente a realidade, poder intervir de forma mais eficaz nela. Por isso, ele pensa a educação ao mesmo tempo como **ato político**, como **ato de conhecimento** e como **ato criador**. Todo o seu pensamento tem uma relação direta com a realidade. Essa é sua marca. Ele não se comprometeu com **esquemas burocráticos**, sejam eles esquemas do poder político, sejam esquemas do poder acadêmico. Comprometeu-se, acima de tudo, com uma realidade a ser transformada.

Paulo Freire propõe uma nova concepção da **relação pedagógica**. Não se trata de conceber a educação apenas como transmissão de conteúdos por parte do educador. Pelo contrário, trata-se de estabelecer um diálogo. Isso significa que aquele que educa está aprendendo também. A pedagogia tradicional também afirmava isso, só que em Paulo Freire o educador também aprende do educando da mesma maneira que este aprende dele. Não há ninguém que possa ser considerado definitivamente educado ou definitivamente

formado. Cada um, a seu modo, junto com os outros, pode aprender e descobrir novas dimensões e possibilidades da realidade na vida. A educação torna-se um processo de formação comum e permanente.

No pensamento de Paulo Freire tanto os alunos quanto o professor são transformados em pesquisadores críticos. Os alunos não são uma lata vazia para ser enchida pelo professor.

Mas, Paulo Freire pode ainda ser lido pelo seu **gosto pela liberdade**. Essa seria uma leitura libertária. Como muitos dos seus intérpretes afirmam, a tese central da sua obra é a tese da **liberdade-libertação**. A liberdade é o ponto central de sua concepção educativa desde suas primeiras obras. A libertação é o fim da educação. A finalidade da educação será libertar-se da realidade opressiva e da injustiça. A educação visa a libertação, a transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não como objetos.

A libertação, como objetivo da educação, situa-se no horizonte de uma **visão utópica** da sociedade e do papel da educação. A educação, a formação, devem permitir uma leitura crítica do mundo. O mundo que nos rodeia é um **mundo inacabado** e isso implica a **denúncia** da realidade opressiva, da realidade injusta (inacabada) e, conseqüentemente, de crítica transformadora, portanto, de **anúncio** de outra realidade. O anúncio é necessário como um momento de uma nova realidade a ser criada. Essa nova realidade do amanhã é a utopia do educador de hoje.

Paulo Freire foi chamado certa vez de **andarilho da utopia**. A utopia estimula a busca: ao denunciar uma certa realidade, a realidade vivida, temos em mente a conquista de uma outra realidade, uma realidade projetada. Esta outra realidade é a utopia. A utopia situa-se no horizonte da experiência vivida. Em Paulo Freire, a realidade projetada (utopia) funciona como um dínamo de seu pensamento agindo diretamente sobre a práxis.

Há ainda que mencionar dois elementos fundamentais da sua filosofia educacional: a **concientização** e o **diálogo**.

A concientização não é apenas tomar conhecimento da realidade. A **tomada de consciência** significa a passagem da imersão na realidade para um distanciamento desta realidade. A **concientização** ultrapassa o nível da tomada de consciência através da análise crítica, isto é, do desvelamento das razões de ser desta situação, para constituir-se em ação transformadora desta realidade.

O **diálogo** consiste em uma relação horizontal e não vertical entre as pessoas implicadas, entre as pessoas em relação. No seu pensamento, a relação homem-homem, homem-mulher, mulher-mulher e homem-mulher-mundo são indissociáveis. Como ele afirma: "Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Os homens se educam juntos, na transformação do mundo". Nesse processo se valoriza o saber de todos. O saber dos alunos não é negado. Todavia, o educador também não fica unicamente no saber do aluno. O professor tem o dever de ultrapassá-lo. É por isso que ele é professor e sua função não se confunde com a do aluno. Essa intuição foi muito importante no desenvolvimento posterior da obra de Paulo Freire. Ele descobriu que a forma de trabalhar, o **processo** do ato de aprender, era determinante em relação ao próprio **conteúdo** da aprendizagem. Não era possível, por exemplo, aprender a ser democrata com **métodos autoritários**.

A participação do **sujeito da aprendizagem** no processo de construção do conhecimento não é apenas algo mais democrático, mas demonstrou ser também mais eficaz. Ao contrário da concepção tradicional da escola, que se apoiava em métodos

centrados na autoridade do professor, Paulo Freire comprovou que os métodos novos, em que alunos e professores aprendem juntos, são mais eficientes.

Paulo Freire não encarou a **alfabetização** apenas como uma técnica embasada numa teoria do conhecimento, mas como um quefazer social, político e antropológico. Porque embasou a sua teoria e a sua prática numa antropologia é que ele construiu uma pedagogia que respeita profundamente o aluno. Uma das grandes consequências da prática dessa teoria do conhecimento é o profundo respeito pelo aluno: **conscientizar sem violentar** a consciência do outro. Paulo Freire deu dignidade ao aluno não-alfabetizado. O professor freireano permanece ao lado do alfabetizando também como aprendiz. O êxito no processo de alfabetização depende muito menos das técnicas utilizadas do que da capacidade do alfabetizador de caminhar junto com o afluente. Ambos desfrutam da **alegria cultural** da descoberta e se sentem felizes por estarem aprendendo e ensinando. A **qualidade da educação**, então, não é medida apenas em termos da quantidade de *conteúdos* apreendidos, mas das *novas relações* estabelecidas entre pessoas como sujeitos da aprendizagem e entre esses sujeitos e o saber. Conscientizar sem violentar consiste em educar sem violentar a consciência dos educandos. Sem humilhar. A humilhação é o contrário da educação libertadora, sobretudo diante de possíveis erros ou omissões das pessoas que podem e devem ser superados coletivamente.

- Por que a obra de Paulo Freire teve uma repercussão tão grande?

Exatamente porque a pedagogia conservadora humilha o aluno e a pedagogia de Paulo Freire deu **dignidade ao aluno** colocando o professor ao lado dele - com a tarefa de orientar e dirigir o processo educativo - mas como um ser que também busca, como o aluno. Ele também é um aprendiz... Esse é o legado de Freire.

Depois de Paulo Freire, a alfabetização deixou de ser apenas “aprender a ler e escrever” para ser “aprender a ler e escrever para pensar criticamente e em conjunto (interdisciplinaridade). “Paulo Freire é um revolucionário, com a peculiaridade de que utiliza meios pacíficos, facilmente praticáveis, de baixo custo, que não sacrificam vidas e, pelo contrário, libertam pessoas garantindo sua dignidade essencial. O genial educador inventou um sistema que, de uma só vez, ensina a pessoa a ler, a pensar criticamente e a dizer o que pensa. Essa é a matéria-prima de um mundo de liberdade, de igualdade e de justiça” (Dalmo de Abreu Dallari in *Paulo Freire: uma biobibliografia*, p. 573).

A **prática conscientizadora e transformadora** de Paulo Freire o levou ao exílio por *reação das elites políticas conservadoras*, mas não impediu que a sua teoria fosse, por causa dessa prática, se renovando constantemente. O hábito de pensar a prática - “a melhor maneira de pensar certo” nas suas palavras - fez com que ele buscasse sempre reencontrá-la e aprender com ela, “expressão de um quase angustiante retorno dialético ao já refletido e realizado. Todos os ensaios, artigos, conferências, palestras, entrevistas e livros, enfim todo o esforço reflexivo freireano é esse eterno remoer das contradições que se dão no interior de uma concepção pedagógica libertadora” (José Eustáquio Romão in *Paulo Freire: uma biobibliografia*, p. 247).

2. Prática político-pedagógica: em exemplo recente

Muitos seriam os exemplos de seu pensamento que poderíamos citar, mostrando, sobretudo, a estreita coerência entre teoria e prática. Tomemos apenas um, o mais recente: o de sua prática como administrador público (1989-1991) à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

Para os que conheciam de perto Paulo Freire, não foi surpresa a sua **capacidade administrativa**. O segredo dele foi saber governar de forma democrática. Nos quase dois anos e meio à frente da Secretaria da educação, ele conseguiu criar uma equipe de cinco ou seis auxiliares que podiam trabalhar com muita autonomia e podiam substituí-lo em qualquer emergência. Existia apenas uma reunião semanal em que se discutiam as linhas gerais da política da Secretaria. Se fosse necessário, novos rumos eram tomados. Paulo Freire defendia ardorosamente suas opiniões, mas sabia trabalhar em equipe, muito longe do espontaneísmo de que havia sido acusado. Ele tinha autoridade, mas exercia-a de forma democrática. Enfrentava situações conflituosas com muita paciência. Dizia que o trabalho de mudança na educação exigia paciência histórica porque a educação é um processo a longo prazo.

Quais as **mudanças estruturais** mais importantes introduzidas nas escolas da rede municipal de ensino por Paulo Freire?

É ele mesmo quem responde em seu livro sobre a sua experiência à frente da Secretaria (*A educação na cidade*, pp. 79-80): "as mudanças estruturais mais importantes introduzidas na escola incidiram sobre a autonomia da escola". Foram restabelecidos os **conselhos de escola** e os **grêmios estudantis**. No entanto, continua Paulo Freire "o avanço maior ao nível da autonomia da escola foi o de permitir no seio da escola a gestação de projetos pedagógicos próprios que com apoio da administração pudessem acelerar a mudança da escola".

Para ilustrar esse processo de mudança vou apresentar três exemplos: o programa de **formação permanente**, o programa de **alfabetização de jovens e adultos** e a prática da **interdisciplinaridade**.

1º **O programa de formação permanente do professor**. Desde o início da administração, Paulo Freire insistia que estava profundamente empenhado na questão da formação permanente dos educadores. Seu programa de formação do magistério foi orientado pelos seguintes **princípios** (*A educação na cidade*, p. 80):

a) o educador é o sujeito da sua prática, cumprindo a ele criá-la e recriá-la através da reflexão sobre o seu cotidiano.

b) a formação do educador deve ser permanente e sistematizada, porque a prática se faz e refaz.

c) a prática pedagógica requer a compreensão da própria gênese do conhecimento, ou seja, de como se dá o processo de conhecer.

d) o programa de formação dos educadores é condição para o processo de reorientação curricular da escola.

Esse programa de formação dos educadores teve como **eixos básicos**:

a) a fisionomia da escola que se quer, enquanto horizonte da proposta pedagógica;

b) a necessidade de suprir elementos de formação básica aos educadores nas diferentes áreas do conhecimento humano;

c) a apropriação, pelos educadores, dos avanços científicos do conhecimento humano que possam contribuir para a qualidade da escola que se quer.

Com esse programa Paulo Freire queria formar professores para uma **nova postura pedagógica**, considerando sobretudo a tradição autoritária brasileira. O Brasil nasceu autoritário. Tem 500 anos de tradição autoritária. Por isso não se pode esperar que em poucos anos isso seja superado. Por isso Paulo Freire pôs à prova a sua conhecida paciência pedagógica, com decisão política, competência técnica, amorosidade e sobretudo com o exercício da democracia. Acabou tendo êxito nessa sua tarefa. A formação do educador ultrapassa, transcende, os cursos explicativos teóricos em torno da democracia. A formação

se dá através da prática, da real participação. A prática da democracia vale muito mais do que um curso sobre democracia.

2º **O programa de alfabetização de jovens e adultos.** Além do intenso programa de formação do educador, Paulo Freire deu início a um movimento de alfabetização em parceria com os movimentos populares, ao lado da expansão do *ensino noturno* e do *ensino supletivo*. Antes mesmo de assumir a Secretaria de educação, Paulo Freire tinha a intenção de sugerir à nova Prefeita um projeto de alfabetização. Convidado, propôs imediatamente um projeto que se chamaria **MOVA-SP** (Movimento de Alfabetização da Cidade de São Paulo), inicialmente sob a coordenação de Pedro Pontual, estruturado em estreita colaboração com os Movimentos sociais e populares da capital que criaram, para isso, o "Fórum dos movimentos populares de alfabetização de adultos da cidade de São Paulo" (Moacir Gadotti e José E. Romão (orgs), *Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta*, pp. 85-90).

A Secretaria de Educação, através de *convênios* com as entidades integrantes deste Fórum, oferecia os recursos financeiros e técnicos. Cabia ao Fórum, junto com a Secretaria, definir os critérios para celebração de convênios nos quais as entidades conveniadas se responsabilizavam pela criação dos núcleos de alfabetização, locação de salas, material didático e pagamento aos alfabetizadores e supervisores.

Esse projeto, iniciado efetivamente em janeiro de 1990, teve grande repercussão tanto na cidade de São Paulo como em outros Estados, pela proposta de fortalecimento dos movimentos populares. Foi um dos raros exemplos de *parceria entre a sociedade civil e o Estado*. É evidente que nessas circunstâncias a relação não é sempre harmoniosa. Ela é perpassada por tensões. Mas essa é a condição necessária para um trabalho paritário entre o Estado e os movimentos populares.

O MOVA-SP não impôs uma única orientação metodológica ou, como se costuma dizer, o "*Método Paulo Freire*". Procurou-se manter o pluralismo, só não se aceitando métodos pedagógicos anti-científicos e filosóficos autoritários ou racistas. Mesmo sem impor nenhuma metodologia, foram sustentados os princípios político-pedagógicos da teoria educacional de Paulo Freire, sintetizados numa **concepção libertadora de educação**, evidenciando o papel da educação na construção de um novo projeto histórico, a teoria do conhecimento que parte da prática concreta na construção do saber, o educando como sujeito do conhecimento e a compreensão da alfabetização não apenas como um processo lógico, intelectual, mas também profundamente afetivo e social.

Para que um movimento de alfabetização se constitua num esforço coletivo, é necessário que a experiência seja a fonte primordial do conhecimento. Do contrário, ela se reduz apenas a um conhecimento intelectual que não leva à formação crítica da consciência e nem ao fortalecimento do poder popular, isto é, não leva à criação e ao desenvolvimento das organizações populares.

Apesar da descontinuidade administrativa, característica de quase todas as administrações públicas, no Brasil, o Programa MOVA-SP foi avaliado positivamente pelos seus organizadores, bem como por estudos realizados por pesquisadores e observadores estrangeiros. Ele serviu de referência para outras experiências e se constituiu num processo muito significativo de formação para todos os que o promoveram. A avaliação realizada mostrou que ele trouxe ganhos relevantes para a formação dos educadores e, sobretudo, para os educandos. Mesmo extinto pela nova administração (1993), o MOVA continuou em outras municipalidades e espaços de formação, Universidades (PUC-SP), sindicatos (CUT) e Organizações não-governamentais como o Instituto Paulo Freire.

O MOVA-SP fez parte de uma estratégia de ação cultural voltada para o **resgate da cidadania**: formar governantes, formar pessoas com maior capacidade de autonomia intelectual, multiplicadores de uma ação social libertadora. O MOVA-SP estava contribuindo com esse objetivo ao fortalecer os movimentos sociais populares e estabelecer novas alianças entre sociedade civil e Estado.

3º **A prática da interdisciplinaridade.** A enormidade da obra de Paulo Freire e os seus numerosos trânsitos por várias áreas do conhecimento e da prática nos levam a um outro tema central de sua obra: a **interdisciplinaridade**. Em 1987 e 1988, Paulo Freire desenvolve o conceito de interdisciplinaridade dialogando com educadores de várias áreas na Universidade de Campinas, empenhados num projeto de educação popular informal. O conceito de interdisciplinaridade surge da análise da prática concreta e da experiência vivida do grupo de reflexão. Essas reflexões foram reunidas por Débora Mazza e Adriano Nogueira e publicada com o título *Na escola que fazemos* (1988). No ano seguinte, já como Secretário municipal de São Paulo, Paulo Freire deu início a uma grande reorientação curricular que será chamada de projeto da interdisciplinaridade. A interdisciplinaridade não é apenas um *método* pedagógico ou uma *atitude* do professor. É uma *exigência* da própria natureza do ato pedagógico.

A ação pedagógica através da *interdisciplinaridade* e da *transdisciplinaridade* aponta para a construção de uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito social. O educador, sujeito de sua ação pedagógica, é capaz de elaborar programas e métodos de ensino-aprendizagem, sendo competente para inserir a sua escola numa comunidade. O objetivo fundamental da interdisciplinaridade é *experimentar a vivência de uma realidade global* que se inscreve nas experiências cotidianas do aluno, do professor e do povo e que, na escola tradicional, é compartimentizada e fragmentada. Articular saber, conhecimento, vivência, escola, comunidade, meio-ambiente etc, é o objetivo da interdisciplinaridade que se traduz na prática por um **trabalho coletivo e solidário** na organização do trabalho na escola. Não há interdisciplinaridade sem descentralização do poder, portanto, sem uma efetiva **autonomia da escola**.

Paulo Freire deixou a Secretaria Municipal de Educação dia 27 de maio de 1991. Depois de quase dois anos e meio, Paulo voltou à sua biblioteca e às suas atividades acadêmicas "à maneira de quem, saindo, fica", como afirma no epílogo do seu livro *A educação na cidade* (p. 143).

Na verdade, Paulo Freire continuou uma presença ativa na Secretaria, oferecendo sua larga experiência traduzida na prática dos projetos que a Secretaria realizou. Na sua despedida afirmou: "mesmo sem ser mais secretário continuarei junto de vocês de outra forma... Continuem contando comigo na construção de uma política educacional, de uma escola com outra "cara", mais alegre, fraterna e democrática" (*A educação na cidade*, p. 144).

3. O último Freire: um olhar sobre a sua produção recente

Paulo Freire publicou, no Brasil, na década de 90, seis livros: *A educação na cidade* (1991), *Pedagogia da esperança* (1992), *Política e educação* (1993), *Professora sim, tia não* (1993), *Cartas a Cristina* (1994) e *À sombra desta mangueira* (1995). São obras que revelam o estilo mais *literário* de Paulo Freire e um *pensamento analítico-histórico* e em evolução permanente.

- O que ele está acrescentando ao seu legado com essas novas obras?

Paulo Freire parece preocupado com uma questão: de que tipo de educação necessitam os homens e as mulheres do próximo século, para viver neste mundo tão complexo de globalização capitalista da economia, das comunicações e da cultura e, ao mesmo tempo, de ressurgimento dos nacionalismos, do racismo, da violência e de triunfo do individualismo neoliberal?

- Como ele responde, nesses últimos livros, a essas complexas questões?

Responde - segundo a minha leitura e percepção particular destas obras recentes - que eles e elas necessitam de uma educação para a diversidade fundada numa **ética** e numa **cultura da diversidade**. Uma sociedade multicultural deve educar o ser humano multicultural, capaz de ouvir, de prestar atenção ao diferente, respeitá-lo. Neste novo cenário da educação será preciso reconstruir o saber da escola e a formação do educador. Não haverá um papel cristalizado tanto para a escola quanto para o educador. Em vez da arrogância de quem se julga dono do saber, o professor deverá ser mais criativo e aprender com o aluno e com o mundo. Numa época de violência, de agressividade, o professor deverá promover o entendimento com os diferentes e a escola deverá ser um espaço de convivência, onde os conflitos são trabalhados, não camuflados.

Nesse contexto global há *duas dimensões* que podem ser logo destacadas e que também se encontram em outras obras de Paulo Freire: a **dimensão interdisciplinar** e a **dimensão internacional e solidária**. Para viver esse tempo presente, o professor precisa engajar as crianças para viver no mundo da diferença e da solidariedade entre diferentes. A escola precisa preparar o cidadão para participar de uma sociedade planetária. A escola tem que ser local, como ponto de partida, mas tem que ser internacional e intercultural, como ponto de chegada.

Diante do problema do desinteresse de muitos de nossos alunos pelos conteúdos curriculares do nosso ensino, costuma-se responder com métodos mais apropriados ou aumentando o tempo de frequência à escola. Mas há outra visão do problema que é a de adequar o tratamento dos conteúdos, problematizando-os e equacionando corretamente a relação entre a transmissão da cultura e o itinerário educativo dos alunos. O **currículo monocultural** oficial representa, neste aspecto, um grande desafio. Os resultados obtidos com **currículos multiculturais**, que levam em conta a cultura do aluno, são mais eficazes para despertar o interesse do aluno. Paulo Freire chama a essa cultura do aluno de "cultura popular". Outros educadores que também estudaram esse tema, como o educador francês Georges Snyders, a chama de "cultura primeira". Equacionar adequadamente ou não a relação entre **identidade cultural** e **itinerário educativo**, sobretudo para as camadas populares, pode representar a grande diferença na extensão ou não da educação para todos e de qualidade, nos próximos anos.

O tema da identidade, sobretudo da professora, está presente todo tempo no livro *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*: "perguntar-nos em torno das relações entre a identidade cultural, que tem sempre um corte de classe social, dos sujeitos da educação e a prática educativa é algo que se nos impõe. É que a identidade dos sujeitos tem que ver com as questões fundamentais de currículo; tanto o oculto quanto o explícito e, obviamente, com questões de ensino e aprendizagem. Discutir, porém, a questão da identidade dos sujeitos da educação, educadores e educandos, me parece que implica desde o começo de tal exercício, salientar que, no fundo, a identidade cultural, expressão cada vez mais usada por nós, não pode pretender exaurir a totalidade da significação do fenômeno cujo conceito é *identidade*. O atributo cultural, acrescido do restritivo *de classe*, não esgota a compreensão do termo "identidade". No fundo, mulheres e homens nos tornamos seres especiais e singulares" (p. 93).

O livro *Professora sim, tia não* tem tido uma grande repercussão entre as jovens professoras justamente por tratar das questões de **gênero na educação** e do tema da **profissionalização docente**, tão deteriorada nos últimos anos em termos salariais e em termos das próprias condições de trabalho que cercam a atividade docente. Paulo Freire afirma que "a tentativa de reduzir a *professora* à condição de *tia* é uma 'inocente' armadilha ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de *adocicar* a vida da professora o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício de tarefas fundamentais. Entre elas, por exemplo, a de desafiar seus alunos, desde a mais tenra e adequada idade, através de jogos, de histórias, de leituras para compreender a necessidade da coerência entre discurso e prática; um discurso sobre a defesa dos fracos, dos pobres, dos *descamisados* e a *prática* em favor dos *camisados* e contra os *descamisados*; um discurso que nega a existência das classes sociais, seus conflitos e a prática política em favor exatamente dos poderosos" (p. 25).

A escola não deve apenas transmitir conhecimentos, mas também preocupar-se com a formação global dos alunos, numa visão onde o conhecer e o intervir no real se encontrem. Mas, para isso, é preciso saber trabalhar com as diferenças, isto é, é preciso reconhecê-las, não camuflá-las, e aceitar que para me conhecer, preciso conhecer o outro. Paulo Freire retoma esses temas tanto em sua *Pedagogia da esperança* quanto em *Cartas à Cristina*. As **conseqüências** desse enfoque para o ensino são enormes. Trata-se de estabelecer metodologias que permitam converter as contribuições étnico-culturais em conteúdos educativos, portanto, fazer parte da proposta educativa global de cada escola. Evidentemente, o professor de qualquer disciplina, precisa ter conhecimentos antropológicos e culturais mínimos e ter um olhar treinado para perceber as diferenças étnico-culturais, portanto, precisa reeducar o seu olhar para a **interculturalidade**; precisa descobrir elementos culturais externos que revitalizem a sua própria cultura. Mas isso não é mais problemático hoje. Basta abrir os olhos para a realidade, escutar, ouvir.

Três filosofias marcaram sucessivamente a obra de Paulo Freire: o **existencialismo**, a **fenomenologia** e o **marxismo**, como aponta Carlos Alberto Torres em seu livro *Estudos freireanos*. Com a de Hegel e de Marx, Paulo Freire faz a crítica da religião e da teologia, a crítica da filosofia e da alienação política, social e econômica. Sucessivamente - quase em fases diferentes - Paulo analisa as conseqüências sociais, políticas e pedagógicas das diversas formas de relação entre os seres humanos. Paulo Freire nos fala em "oprimido-opressor" (anos 50-60), em opressão "de classe" (anos 60-70) e opressão "de gênero e raça" (anos 80-90).

A dialética hegeliana entre o Senhor e o Escravo está presente em toda a sua obra. Contudo, ela se encontra como quadro teórico particular de sua obra principal: *Pedagogia do oprimido*. Já em sua *Pedagogia da esperança* e em *Cartas a Cristina*, ele destaca a **opressão de gênero e de raça**. Há, portanto, a mesma temática que se renova em cada obra posterior à *Pedagogia do oprimido*.

Em *Cartas a Cristina* aparece mais destacado o tema da **família**. É também um livro escrito para a família, para os pais e não apenas para os professores. Na "quinta carta" (p. 64), Paulo Freire, falando de sua infância, constata também na sua família a existência da "cultura machista": "só ela (a cultura machista) pode explicar, de um lado, que minha mãe tomasse para si sempre o incômodo enfrentamento dos credores; de outro, que meu pai, tão justo e correto, aceitasse sabê-la expondo-se como se expunha (mesmo que ela não o informasse do que ouvia nos açougues e bodegas) e não assumisse a responsabilidade de tratar com os credores. Era como se a autoridade do homem devesse ficar defendida, no fundo, falsamente defendida, resguardada, enquanto a mulher se entregava às ofensas".

Nos anos 90, aparece freqüentemente o tema da **educação para a cidadania**, sobretudo nos temas desenvolvidos no livro *Política e educação*. Paulo Freire destaca que o conceito de cidadania é um **conceito ambíguo**. Em 1789 a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* estabelecia as primeiras normas para assegurar a liberdade individual e a propriedade. Existem diversas concepções de cidadania: a liberal, a neo-liberal, a progressista ou socialista democrática (o socialismo autoritário e burocrático não admite a democracia como valor universal e despreza a cidadania como valor progressista). Para Paulo Freire, cidadão significa "indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado" e cidadania "tem que ver com a condição de cidadão, quer dizer, com o uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão". É assim que ele entende "a alfabetização como formação da cidadania" e como "formadora da cidadania" (*Política e educação*, p. 45).

Existe hoje uma **concepção consumista** de cidadania (não ser enganado na compra de um bem de consumo) e uma concepção oposta que é uma **concepção plena** de cidadania que consiste na mobilização da sociedade para a conquista dos direitos acima mencionados e que devem ser garantidos pelo Estado. A concepção liberal e neo-liberal de cidadania entende que a cidadania é apenas um produto da solidariedade individual (da "gente de bem") entre as pessoas e não uma conquista no interior do próprio Estado. A cidadania implica em instituições e regras justas. O Estado, numa visão socialista democrática, precisa exercer uma ação - para evitar, por exemplo, os abusos econômicos dos oligopólios - fazendo valer as regras definidas socialmente.

4. Que futuro pode ter o pensamento de Paulo Freire?

No desenvolvimento da sua teoria da educação, Paulo Freire conseguiu, de um lado, desmistificar os sonhos do **pedagogismo** dos anos 60, que pretendia, pelo menos na América Latina, que a escola faria tudo, e, de outro lado, conseguiu superar o **pessimismo** dos anos 70, quando se dizia que a escola era puramente reprodutivista. Fazendo isso, superando o pedagogismo ingênuo e o pessimismo negativista, conseguiu manter-se fiel à utopia, sonhando sonhos possíveis.

Respondendo à pergunta formulada acima, creio que o futuro da obra de Paulo Freire está intimamente ligado ao futuro da **educação popular** enquanto concepção geral da educação. Pouco mais de 20 anos depois da *Pedagogia do Oprimido*, a educação popular, marcada por essa obra, continua sendo a maior contribuição que o pensamento latino-americano deu ao pensamento pedagógico universal. É o marco teórico que continua inspirando numerosas experiências, já não apenas na América Latina, mas no mundo. Não apenas nos países do Terceiro Mundo, mas também nos países com alto desenvolvimento tecnológico e em realidades muito distintas.

Paulo Freire é tributário desse movimento no qual ele está inserido e ao qual deu e continua dando uma enorme contribuição. A educação popular tem passado por **vários momentos**. É um movimento dinâmico e alimentado por inúmeras visões, formando um imenso mosaico. Nem todas essas visões se identificam com o pensamento de Paulo Freire, mas muitas se referem a ele, passando do otimismo guerreiro da campanha de alfabetização da Nicarágua, pelas escolas comunitárias de cunho não-formal, às experiências estatais de educação, todos se reportando ao paradigma teórico de Paulo Freire.

A obra de Paulo Freire deverá continuar esfacelando-se em múltiplas direções, talvez até inconciliáveis. Ele não poderá ter o controle sobre isso, como Marx não é

responsável pelo marxismo ou por tudo o que se fez em nome dele. E as críticas, positivas e negativas, também deverão continuar.

- Como Paulo Freire reage diante das **críticas** à sua pessoa ou à sua obra?

Os ataques à sua pessoa são raríssimos porque suas idéias podem gerar polêmica, mas não a sua pessoa. Sua personalidade é transparente. Não há lugar para a hipocrisia. Não responde a críticas pessoais. Também não polemiza com os críticos à sua obra. Paulo Freire acredita que o humor é uma arma pedagógica progressista, mas a polêmica não. O humor é construtivo e a polêmica é destrutiva. Por isso, não polemiza com nenhum de seus críticos.

Aceita as críticas e procura aprender com elas. Quando responde indiretamente em seus livros - e isso ele vem fazendo sistematicamente - ele procura, antes de mais nada **contextualizar as suas obras**, mostrando que ele é filho do seu tempo. Nesse sentido podemos dizer que existe uma **evolução** no seu pensamento em que ele vai superando certas “ingenuidades” - como ele mesmo afirma na *Pedagogia da esperança* (p. 67).

Mas existem também críticas que provêm de **leituras** muito diferentes e até contraditórias da própria obra de Paulo Freire. Leituras legítimas e sérias. Contudo, neste caso, Paulo Freire tem o direito de discordar dessas leituras e não se reconhecer nelas.

Certos críticos conservadores afirmam que ele não tem uma *teoria do conhecimento* porque não estuda as relações entre o sujeito do conhecimento e o objeto. Ele se interessaria apenas pelo produto. Isso não é verdade: antes de mais nada, o seu pensamento funda-se numa explícita teoria antropológica do conhecimento. Outros o acusam de *autoritarismo* afirmando que o seu método supõe a transformação da realidade e nem todos desejam transformá-la. Portanto, seria um método não científico (porque não aplicável universalmente). Seu método seria autoritário na medida em que ele obriga a todos a participarem na transformação. É claro que essa crítica ignora que Paulo Freire não aceita a idéia de uma *teoria pura* - para ele uma ilusão - mas numa *teoria crítica* enraizada numa filosofia social e política. Ele rejeita a idéia da neutralidade científica - como recusa o academicismo - e argumenta que os conservadores, sobre a capa da neutralidade política de uma teoria pura escondem a sua ideologia conservadora.

Ao longo de sua existência, Paulo Freire vai elaborando a sua **teoria crítica** na prática de pensar a prática. Essa teoria não poderia deixar de *incomodar a academia*, ou melhor, o academicismo, como mostra Heinz-Peter Gerhardt em seu ensaio também publicado no livro *Paulo Freire: uma bibliografia*. A Academia exige dele que se filie a uma corrente pedagógica. No Brasil tentaram até encaixá-lo numa corrente pedagógica na qual só ele figurava - uma “escola nova popular” - tentando desvalorizar a sua contribuição. A raiva do academicismo estende-se igualmente a todos os que o estudam ou praticam seu método. O que prova, mais uma vez, que não há teoria neutra e que toda práxis educativa é também uma práxis política e como tal não pode agradar a todos.

Nos últimos anos, em suas falas freqüentes e também em seus escritos, Paulo Freire vem insistindo na análise das conseqüências da **globalização** capitalista da economia, das comunicações e da cultura, bem como do novo modelo político conservador: o **neoliberalismo**. Ele se refere ao livro *Pedagogia da esperança* dizendo que “esse livro foi escrito com raiva, com amor, sem o que não há esperança. Uma defesa da tolerância que não se confunde com a conivência, da radicalidade; uma crítica ao sectarismo, uma compreensão da pós-modernidade progressista e uma recusa à conservadora, neoliberal” (p. 12).

Essa radicalidade encontrada em toda obra de Paulo Freire não podia deixar de aparecer também em seu último livro, publicado em outubro de 1995: *A sombra desta mangueira*. Nele encontramos a análise e a denúncia do utilitarismo e do consumismo pós-

moderno neo-liberal e o anúncio renovado de uma concepção de civilização que não exclui a explicação tecnológica atual, mas a subordina a outros valores, os da **cooperação** e da **solidariedade**. O mercado precisa ser subordinado à cidadania e não vice-versa. Como diz Ladislau Dowbor, no prefácio dessa obra: "no raciocínio de Paulo Freire, a racionalidade reclama racionalmente o direito a suas raízes emocionais. É a volta à sombra da mangueira, ao ser humano completo. E com os cheiros e sabores da mangueira, um conceito muito mais amplo do que esquerda e direita, e profundamente radical: o da solidariedade humana".

Este livro aponta para uma *reflexão ecopedagógica* ou para o que podemos chamar de uma **pedagogia para o desenvolvimento sustentável**. Diz ele logo nas "Primeiras palavras" do livro (p.15): "As árvores sempre me atraíram... Nascido no Recife, menino de uma geração que cresceu em quintais, em íntima relação com árvores, minha memória não poderia deixar de estar repleta de experiências de sombras". Em seguida ele nos fala do calor dos trópicos, de mangueiras, jaqueiras, cajueiros, pitombeiras... "sombra e luz, céu azul, horizonte fundo e amplo dizem de mim. Sem eles apenas sobrevivo, menos do que existo" (*Idem*, p. 16).

Num universo de tanta tecnologia e de destruição da vida no planeta, Paulo Freire nos chama a atenção para a sombra da mangueira, para a necessidade de apreciar o ar puro, a água limpa, o calor da areia da praia. Por que o rio não serve mais para nadar e pescar e a rua para brincar e passear? Por que tanta poluição? Não é suficiente proclamar os direitos humanos ou direitos da Terra sem um processo coletivo de educação, sem tomar consciência de que um futuro saudável da Terra depende da criação de uma **cidadania ambiental planetária**. Essa cidadania deve sustentar-se com base numa **ética integral** de respeito a todos os seres com o quais compartilhamos o planeta. Da capacidade de entender hoje a situação dramática na qual estamos, causada pela deterioração do meio ambiente, depende "nosso futuro comum".

Tenho certeza de que o desenvolvimento sustentável deverá tornar-se um dos temas mais importantes da educação das próximas décadas e o papel da **educação popular** associada **ecopedagogia** será decisivo para a mudança de mentalidades e atitudes neste campo. O modelo educacional dominante hoje baseia-se na competitividade sem solidariedade e desconsidera o desenvolvimento sustentável. O educador que se pretende formar para o próximo milênio deverá ter consciência e atuar em favor de um planeta saudável onde todos possam viver com qualidade e em harmonia universal com todos os seres com os quais compartilhamos a Terra. Esse pode ser um desdobramento possível do pensamento de Paulo Freire nos próximos anos.

Os anos 90 caracterizam-se por um **pensamento pós-marxista e pós-moderno**, o questionamento das teses socialistas ortodoxas e burocráticas e a afirmação da subjetividade que se expressa por meio de movimentos sociais de índole distinta, mais preocupados com questões imediatas do que com uma utopia distante, como pensávamos nos anos 60.

Estamos vivendo um tempo de crise da utopia. Rearfirmá-la se constitui, para nós, num ato pedagógico essencial na construção da educação do futuro. Há os que acreditam que o socialismo morreu, que a utopia morreu, que a luta de classes desapareceu. Mas não foi bem o socialismo que morreu e o capitalismo que triunfou. O que foi derrotado foi uma certa moldura do socialismo: a moldura autoritária. E isso representa um grande avanço.

Os neo-liberais e neo-conservadores sustentam que a luta de classes acabou, que a ideologia acabou, que nada mais é ideológico. Esse discurso não torna velhos os nossos sonhos de liberdade e não deixa de ser menos justa a luta contra o autoritarismo. Isso

apenas nos obriga a compreendê-lo melhor em suas múltiplas manifestações. Não pode estar superada a pedagogia do oprimido enquanto existirem oprimidos. Não pode estar superada a luta de classes enquanto existirem privilégios de classe.